
I

Urania. Os pais não lhe fizeram um grande favor; seu nome dava a ideia de um planeta, de um mineral, de tudo menos daquela mulher espigada e de traços finos, rosto liso e grandes olhos escuros, um pouco tristes, que o espelho lhe devolvia. Urania! Que coisa. Felizmente ninguém mais a chamava pelo nome, e sim de Uri, Miss Cabral, Mrs. Cabral ou Doutora Cabral. Que ela se lembrasse, desde que saíra de Santo Domingo (“Quer dizer, de Trujillo”, na época ainda não tinham devolvido o antigo nome à capital), ninguém em Adrian, nem em Boston, nem em Washington D.C., nem em Nova York voltara a chamá-la de Urania, como faziam em casa e no Colégio Santo Domingo, onde as *sisters* e suas colegas pronunciavam corretissimamente o nome disparatado que haviam lhe infligido quando nasceu. Tinha sido ideia dele, dela? Tarde demais para descobrir, garota; sua mãe estava no céu e o pai, morto em vida. Você nunca vai saber. Urania! Era tão absurdo como insultar a antiga Santo Domingo de Guzmán chamando-a de Trujillo. Seria também ideia do seu pai?

Ela está esperando que o mar apareça pela janela do seu quarto, no nono andar do Hotel Jaragua, e afinal o vê. A escuridão recua em poucos segundos e o resplendor azulado do horizonte, crescendo depressa, inicia o espetáculo que ela está esperando desde que acordou, às quatro, apesar do comprimido que tomara a despeito de sua prevenção contra os soníferos. A superfície azul-escura do mar, turbada por manchas de espuma, se encontra com um céu de chumbo na remota linha do horizonte e aqui, na costa, explode em ondas sonoras e espumosas contra o *malecón*, do qual vê pedaços de calçada entre as palmeiras e amendoeiras que o cercam. Naquela época, o Hotel Jaragua ficava de frente para o *malecón*. Agora, de lado. A memória lhe devolve a imagem — daquele dia? — da menina de mãos dadas

com o pai, entrando no restaurante do hotel para almoçarem, os dois sozinhos. Deram-lhes uma mesa ao lado da janela, e, através das cortinas, Uranita divisava o vasto jardim e a piscina com trampolins e banhistas. Uma orquestra tocava merengues no Pátio Espanhol, rodeado de azulejos e de vasos com cravos. Foi naquele dia? “Não”, diz em voz alta. Aquele Hotel Jaragua tinha sido demolido e substituído por este volumoso edifício em tom de pantera cor-de-rosa que tanto a surpreendeu ao chegar a Santo Domingo, três dias antes.

Tinha feito bem em voltar? Você vai se arrepender, Urania. Desperdiçar uma semana de férias, logo você, que nunca tem tempo para conhecer tantas cidades, regiões, países que gostaria de ver — as cordilheiras e os lagos nevados do Alasca, por exemplo —, voltando àquela ilhinha onde jurou que nunca mais botaria os pés. Sinal de decadência? Sentimentalismo da maturidade? Curiosidade, só isso. Para provar a si mesma que pode andar pelas ruas desta cidade que não é mais sua, percorrer este país alheio sem sentir tristeza, nostalgia, ódio, amargura, raiva. Ou será que veio para encarar a ruína em que seu pai se transformou? Descobrir que impressão lhe dá revê-lo, depois de tantos anos. Um calafrio a percorre da cabeça aos pés. Urania, Urania! Imagine se você descobre, depois de todos esses anos, que debaixo dessa sua cabecinha voluntariosa, organizada, impermeável ao desânimo, atrás dessa fortaleza que os outros tanto admiram e invejam há um coraçãozinho terno, assustadiço, fraco, sentimental. Dá uma risada. Chega de bobagem, garota.

Põe o tênis, a calça, o agasalho esportivo, prende o cabelo com uma rede. Bebe um copo de água gelada e vai ligar a televisão para ver a CNN, mas muda de ideia. Fica ao lado da janela, olhando o mar, o *malecón*, e depois, virando a cabeça, o bosque de telhados, torres, cúpulas, campanários e copas de árvores da cidade. Como cresceu! Quando ela saiu de lá, em 1961, tinha trezentas mil almas. Agora, mais de um milhão. Estava cheia de bairros, avenidas, parques e hotéis. Na véspera, Urania se sentira uma estranha circulando num carro alugado pelos elegantes condomínios de Bela Vista e pelo imenso parque El Mirador, onde havia tantos *joggers* como no Central Park. Na infância dela, a cidade terminava no Hotel El Embajador; a partir dali

tudo eram chácaras, plantações. O Country Club, aonde seu pai a levava à piscina aos domingos, era rodeado de descampados, e não de asfalto, casas e postes de luz como agora.

Mas a cidade colonial não se remoçou, nem Gazcue, o seu bairro. E ela tem certeza absoluta de que sua casa quase não mudou. Devia estar igual, com o pequeno jardim, a velha mangueira e o flamboaiá de flores vermelhas encostado na varanda onde eles costumavam almoçar ao ar livre nos fins de semana; o telhado de duas águas e a varandinha do seu quarto, onde ia esperar suas primas Lucinda e Manolita, e naquele último ano, 1961, espiar aquele rapaz que passava de bicicleta, olhando-a de esguelha, sem se atrever a lhe dirigir a palavra. Será que por dentro estaria igual? O relógio austríaco que marcava as horas tinha números góticos e uma cena de caçada. Seu pai, estaria igual? Não. Viu como ele decaíra nas fotos que recebia de tantos em tantos meses ou anos da tia Adelina e de outros parentes remotos que continuaram lhe escrevendo, embora ela nunca respondesse às cartas.

Ela se joga numa poltrona. O sol do alvorecer atinge o centro da cidade; a cúpula do Palácio Nacional e o ocre pálido dos seus muros brilham suavemente sob a concavidade azul. Saia logo de uma vez, senão o calor vai ficar insuportável. Fecha os olhos, dominada por uma inércia que não era comum nela, acostumada a estar sempre em atividade, a não perder tempo fazendo aquilo que, desde que pôs os pés em terra dominicana, ocupa a sua mente noite e dia: lembrar. “Esta minha filha está sempre trabalhando, até dormindo ela recita a lição.” Era o que dizia o senador Agustín Cabral, o ministro Cabral, Craninho Cabral, gabando-se com os amigos da menina que ganhava todos os prêmios, a aluna que as *sisters* apontavam como exemplo. Será que também se gabava com o Chefe das proezas escolares de Uranita? “Eu gostaria muito que o senhor a conhecesse, a menina ganha o prêmio de melhor aproveitamento todos os anos, desde que entrou no Santo Domingo. Para ela, conhecer o senhor, apertar a sua mão, seria uma felicidade. Uranita reza toda noite para que Deus o conserve com esta saúde de ferro. E também por dona Julia e dona María. Dê-nos essa honra. Quem lhe pede, roga, implora é o mais fiel dos seus cães. O senhor não pode me negar isto: receba-a. Excelência! Chefe!”

Você o detesta? Você o odeia? Ainda? “Não odeio mais”, diz em voz alta. Não teria voltado se a mágoa continuasse crepitando, a ferida sangrando, a decepção destruindo, envenenando você como acontecia em sua juventude, quando estudar ou trabalhar se transformaram em um remédio obsessivo para não lembrar. Na época você o odiava, sim. Com todos os átomos do seu ser, com todos os pensamentos e sentimentos que cabiam no seu corpo. Você lhe desejou desgraças, doenças, acidentes. Deus fez a sua vontade, Urania. O diabo, mais provavelmente. Não basta que esse derrame cerebral o tenha matado em vida? Não é uma doce vingança vê-lo há dez anos numa cadeira de rodas, sem andar nem falar, dependendo de uma enfermeira para comer, deitar, vestir-se, despir-se, cortar as unhas, fazer a barba, urinar, defecar? Você se sente vingada? “Não.”

Bebe outro copo de água e sai. São sete da manhã. No térreo do Jaragua o barulho a envolve, uma atmosfera já familiar de vozes, motores, rádios a todo volume, merengues, salsas, *danzones* e boleros, ou rock e rap misturados, agredindo-se e agredindo-a com aquela gritaria. Um caos animado, uma necessidade profunda de se aturdir para não pensar, e talvez nem sentir, daquele que já foi o seu povo, Urania. Também, uma explosão de vida selvagem, imune às ondas de modernização. Alguma coisa, nos dominicanos, se aferra a essa forma pré-racional, mágica: o apetite pelo barulho. (“Pelo barulho, não pela música.”)

Não lembra que houvesse, quando era pequena e Santo Domingo se chamava Trujillo, tanto ruído nas ruas. Talvez não houvesse; talvez, trinta e cinco anos antes, quando a cidade era três ou quatro vezes menor, provinciana, isolada e anestesiada pelo medo e pelo servilismo, e tinha a alma encolhida de reverência e pânico pelo Chefe, o Generalíssimo, o Benfeitor, o Pai da Pátria Nova, Sua Excelência o Doutor Rafael Leonidas Trujillo Molina, fosse mais silenciosa, menos frenética. Hoje, todos os sons da vida, os motores de carros, toca-fitas, discos, rádios, buzinas, latidos, grunhidos, vozes humanas, tudo parece estar a todo volume, manifestando-se em sua capacidade máxima de ruído vocal, mecânico, digital ou animal (os cachorros latem mais alto e os pássaros piam com mais vontade). E Nova York ainda tinha fama de ser barulhenta! Em seus dez anos de

Manhattan, seus ouvidos nunca registraram nada parecido com esta sinfonia brutal, desafinada, em que está imersa há três dias.

O sol acende as palmeiras de copas altas, a calçada rachada que parecia ter sido bombardeada devido à quantidade de buracos e aos montes de lixo acumulado que umas mulheres de lenço na cabeça varrem e recolhem em sacos sempre insuficientes. “Haitianas.” Agora estão caladas, mas ontem cochichavam entre si em *creole*. Um pouco mais adiante, vê dois haitianos descalços e seminus sentados em umas caixas, ao pé de dezenas de pinturas de cores vivíssimas, penduradas em um muro. É verdade, a cidade, talvez o país, está cheia de haitianos. Antes não era assim. Como dizia o senador Agustín Cabral, “Do Chefe podem dizer o que quiserem, mas a História pelo menos vai reconhecer que ele modernizou o país e pôs os haitianos no seu lugar. Para grandes males, grandes remédios!” O Chefe encontrara um paiseco barbarizado pelas guerras de caudilhos, sem lei e sem ordem, depauperado, quase perdendo a identidade, invadido por aqueles vizinhos famintos e ferozes. Eles vadeavam o rio Masacre e vinham roubar bens, animais, casas, tiravam o trabalho dos nossos trabalhadores agrícolas, pervertiam nossa religião católica com suas bruxarias diabólicas, estupravam nossas mulheres, destruíam nossa cultura, nossa língua e nossos costumes, ocidentais e hispânicos, para nos impor os deles, africanos e bárbaros. O Chefe cortou o nó górdio: “Chega!” Para grandes males, grandes remédios! Ele não apenas justificava o massacre de haitianos em 1937, mas também o considerava uma façanha do regime. Aquilo não tinha salvado a República de ser prostituída, pela segunda vez na história, por aquele vizinho rapinante? O que são cinco, dez, vinte mil haitianos quando se trata de salvar todo um povo?

Ela anda rápido, reconhecendo os marcos da cidade: o Cassino da Güübia, transformado em clube, e o balneário agora poluído por esgotos; logo vai chegar à esquina do *malecón* com a avenida Máximo Gómez, o itinerário do Chefe nas suas caminhadas vespertinas. Desde o dia em que os médicos lhe disseram que andar fazia bem ao coração, ele ia da Estância Radhamés até a Máximo Gómez, fazendo uma escala na casa de dona Julia, a Excelsa Matrona, onde Uranita um dia foi fazer um discurso que quase não conseguiu pronunciar, e descia até este *malecón* George Washington, dobrava naquela esquina e continuava até

o obelisco copiado do de Washington, num passo ágil, cercado de ministros, assessores, generais, ajudantes e cortesãos a uma distância respeitosa, com os olhos alertas, o coração esperançoso, aguardando um gesto, um sinal que os autorizasse a se aproximar do Chefe, ouvi-lo, merecer algumas palavras, mesmo que fosse uma recriminação. Tudo, menos ser mantidos longe, no inferno dos esquecidos. “Quantas vezes você passeou com eles, papai? Quantas vezes mereceu que o Chefe falasse com você? E quantas vezes voltou triste porque ele não o chamou, com receio de não estar mais no círculo dos escolhidos, de ter caído entre os réprobos. Você vivia sempre apavorado de que se repetisse a história de Anselmo Paulino. E se repetiu, papai.”

Urania ri, e um casal de bermudas que vem na direção contrária pensa que é com eles: “Bom dia.” Mas não era com eles, ela tinha rido da imagem do senador Agustín Cabral trotando toda tarde neste *malecón*, entre os serviçais de luxo, atento, não à brisa cálida, aos rumores do mar, à acrobacia das gaivotas nem às radiantes estrelas do Caribe, e sim às mãos, aos olhos, aos movimentos do Chefe, que talvez fosse chamá-lo, preferindo-o aos outros. Chegou ao Banco Agrícola. Depois vem a Estância Ramfis, onde continua funcionando a Secretaria de Relações Exteriores, e o Hotel Hispaniola. E meia-volta.

“Rua César Nicolás Penson, esquina com Galván”, pensa. Iria até lá, ou voltaria para Nova York sem dar sequer uma olhada na sua casa? Você vai entrar e perguntar à enfermeira pelo inválido e subir até o quarto e a varanda onde o deixam cochilando, aquela varanda que ficava toda vermelha com as flores do flamboaiã. “Oi, papai. Como vai, papai. Não me reconhece? Sou a Urania. Claro, você não pode me reconhecer. Na última vez eu tinha quatorze anos e agora estou com quarenta e nove. Um bocado de anos, papai. Não era esta a idade que você tinha quando eu fui para Adrian? Sim, quarenta e oito ou quarenta e nove anos. Um homem em plena maturidade. Agora, está com quase oitenta e quatro. Você ficou velhíssimo, papai.” Se ainda estiver em condições de pensar, deve ter tido bastante tempo, em todos esses anos, para fazer um balanço da sua longa vida. Deve ter pensado na sua filha ingrata, que em trinta e cinco anos não lhe respondeu uma só carta, não enviou uma foto, uma mensagem de aniversário, Natal ou ano-novo, que não veio sequer

quando você teve o derrame e todos os tios, tias, primos e primas achavam que estava morrendo. Não veio nem indagou por sua saúde, que filha malvada, papai.

A casinha da rua César Nicolás Penson, esquina com Galván, na certa não recebe mais os visitantes, no vestíbulo da entrada, onde ficava a imagem da Virgenzinha da Altagracia, com uma jactanciosa placa de bronze: “Nesta casa Trujillo é o Chefe.” Ou será que você a conservou, como prova de lealdade? Deve ter jogado no mar, como fizeram os milhares de dominicanos que compraram essas placas e as penduraram no ponto mais visível da casa, para que ninguém fosse duvidar da sua fidelidade ao Chefe, e cujas pegadas, quando o feitiço acabou, quiseram apagar, envergonhados com o que aquilo representava: sua covardia. Aposto que você também se livrou da sua, papai.

Chegou ao Hispaniola. Urania está suando, o coração acelerado. Pela avenida George Washington passa um duplo rio de carros, caminhonetes e caminhões, e ela tem a impressão de que todos estão com os rádios ligados e o barulho vai arrebentar os seus tímpanos. Às vezes surge uma cabeça masculina em algum veículo e por um instante seus olhos cruzam com uns olhos varonis que espreitam seus peitos, suas pernas, seu traseiro. Esses olhares. Ela está esperando para atravessar e pensa outra vez, como ontem, como anteontem, que está em terra dominicana. Em Nova York ninguém mais olha as mulheres com esse descaramento. Medindo, avaliando, calculando quanta carne há em cada peito e em cada coxa, quantos pelos em seu púbis e a curva exata das suas nádegas. Fecha os olhos, sentindo uma ligeira vertigem. Em Nova York, nem os latinos, dominicanos, colombianos, guatemaltecos olham mais assim. Eles aprenderam a se reprimir, entenderam que não podem olhar as mulheres como os cachorros olham as cadelas, os cavalos as éguas, os porcos as porcas.

Numa brecha entre os veículos, atravessa, correndo. Em vez de dar meia-volta e regressar para o Jaragua, seus passos, não sua vontade, a fazem contornar o Hispaniola e voltar pela Independencia, uma avenida que, se não lhe falha a memória, avança a partir daqui, recheada com uma dupla alameda de loureiros frondosos cujas copas se abraçam sobre as calçadas, refrescando-as, até se bifurcar e desaparecer já em plena cidade colonial. Quantas vezes caminhou de mãos dadas com o pai, debaixo da

sombra rumorosa dos loureiros da Independencia. Vinham pela César Nicolás Penson até esta avenida e depois seguiam até o parque Independencia. Na sorveteria italiana, do lado direito, no começo de El Conde, tomavam um sorvete de coco, manga ou goiaba. Como se sentia orgulhosa de mãos dadas com aquele senhor — o senador Agustín Cabral, o ministro Cabral. Todos o conheciam. Chegavam perto, davam a mão, tiravam o chapéu, faziam medidas, e policiais e militares batiam os calcanhares ao vê-lo passar. Como você deve ter sentido falta desses anos em que era tão importante, papai, depois que virou um pobre diabo como qualquer outro. Eles se contentaram insultando você no “Foro Público”, mas não o prenderam como fizeram com Anselmo Paulino. Era isso que você mais temia, não é mesmo? Que, um belo dia, o Chefe ordenasse: metam o Craninho na cadeia! Você teve sorte, papai.

Já estava andando havia quarenta e cinco minutos e ainda faltava um bom pedaço até o hotel. Se tivesse trazido dinheiro, entraria em algum bar para tomar o café da manhã e descansar. O suor a faz enxugar o rosto o tempo todo. Os anos passam, Urania. Aos quarenta e nove ninguém é mais jovem, embora você se conserve melhor que outras. Mas não é de se jogar fora, a julgar pelos olhares que, à direita e à esquerda, pousam no seu rosto e no seu corpo, insinuantes, ambiciosos, descarados, insolentes, de machos acostumados a despir todas as fêmeas da rua com os olhos e os pensamentos. “Quarenta e nove anos maravilhosamente bem vividos, Uri”, disse Dick Litney, seu amigo e colega de trabalho em Nova York, no dia do seu aniversário, audácia que nenhum homem do escritório se permitiria a menos que tivesse, como Dick naquela noite, entornado dois ou três uísques. Pobre Dick. Ficou todo vermelho e confuso quando Urania o congelou com um olhar lento desses que usava havia trinta e cinco anos para enfrentar as cantadas, piadas atrevidas, gracejos, alusões ou canalhices dos homens e, às vezes, das mulheres.

Ela para, tentando recuperar o fôlego. Sente o coração descontrolado, subindo e descendo dentro do peito. Está na esquina da Independencia com a Máximo Gómez, esperando para atravessar no meio de um grupo de homens e mulheres. Seu nariz registra uma variedade de aromas tão grande quanto o sem-fim de sons que martelam os seus ouvidos: o óleo que os motores dos ôni-

bus queimam e os escapamentos expelem, línguas de fumaça que se desmancham ou ficam flutuando sobre os pedestres; cheiro de gordura e fritura, vindo de uma barraca onde crepitam duas frigideiras e se vendem lanches e bebidas, e o aroma denso, indefinível, tropical, de resinas e folhagem em decomposição, de corpos suando, um ar impregnado de essências animais, vegetais e humanas que o sol protege, atrasando sua dissolução e evanescência. É um aroma quente, que toca em alguma fibra íntima da sua memória e a devolve à infância, às buganvílias multicoloridas penduradas nos tetos e nas sacadas, a esta avenida Máximo Gómez. O Dia das Mães! É claro. Maio de sol radiante, chuvas diluviais, calor. As meninas do Colégio Santo Domingo escolhidas para entregar flores a Mamãe Julia, a Excelsa Matrona, genitora do Benfeitor, espelho e símbolo da mãe dominicana. Vieram num ônibus do colégio, com seus uniformes brancos imaculados, acompanhadas pela superiora e pela *sister* Mary. Você estava ardendo de curiosidade, orgulho, carinho e respeito. Ia entrar, representando o colégio, na casa de Mamãe Julia. Ia recitar para ela o poema “Mãe e mestra, Matrona Excelsa”, que tinha escrito, decorado e recitado dezenas de vezes na frente do espelho, diante de suas colegas, de Lucinda e Manolita, do papai, das *sisters*, e que repetiu em silêncio para ter certeza de não esquecer uma sílaba. Quando chegou o momento glorioso, na grande casa rosada de Mamãe Julia, aturdida com tantos militares, senhoras, ajudantes e delegações que lotavam os jardins, quartos e corredores, embargada de emoção e de ternura, ao dar um passo à frente, a um metro da velhinha que lhe sorria com benevolência em sua cadeira de balanço, com a braçada de rosas que a superiora acabava de lhe entregar, a garganta se fechou e houve um branco em sua mente. Você começou a chorar. Ouviu risos, palavras de encorajamento, das senhoras e dos senhores que rodeavam Mamãe Julia. A Excelsa Matrona lhe disse, risonha, para se aproximar. Então Uranita reagiu, enxugou as lágrimas, se aprumou e, firme e rápida, embora sem a entonação devida, recitou “Mãe e mestra, Matrona Excelsa” de um só fôlego. Todos aplaudiram. Mamãe Julia lhe acariciou o cabelo e, com sua boquinha franzida em mil rugas, beijou-a.

Afinal, a luz muda de cor. Urania continua o seu caminho, protegida do sol pela sombra das árvores da avenida Máximo Gómez. Já faz uma hora que está andando. É agradável

caminhar sob os loureiros, descobrir esses arbustos de florzinhas vermelhas e pistilo dourado, o hibisco, aqui conhecido como sangue-de-cristo, absorta em seus pensamentos, embalada pela anarquia de vozes e músicas, porém atenta aos desníveis, buracos, poças, deformações das calçadas, sempre a um triz de tropeçar ou de meter o pé nas porcarias que os vira-latas farejam. Você era feliz naquela época? Quando foi levar flores e recitar o poema para a Excelsa Matrona com o grupo de alunas do Santo Domingo, no Dia das Mães, era. Se bem que, desde que a figura protetora, belíssima da sua infância sumiu da casinha da rua César Nicolás Penson, talvez a noção de felicidade também tenha se evaporado da vida de Urania. Mas seu pai e seus tios — principalmente tia Adelina e tio Aníbal, e as primas Lucindita e Manolita — e os velhos amigos fizeram o possível para preencher a ausência da mãe com paparicos e mimos, para que você não se sentisse sozinha, diminuída. O seu pai, naqueles anos, foi pai e mãe. Por isso você o amava tanto. Por isso havia doído tanto, Urania.

Quando chega à entrada dos fundos do Jaragua, um portão largo, na grade, por onde entram os carros, os mordomos, os cozinheiros, as garçonetes, os faxineiros, você não para. Para onde está indo? Você não havia decidido nada. Nem lhe passava pela cabeça, concentrada na sua infância, no colégio, nos domingos em que ia com tia Adelina e as primas às sessões infantis do Cinema Elite, a ideia de não entrar no hotel para tomar o café da manhã e um banho. Foram seus pés que decidiram continuar. Ela caminha sem hesitar, certa do rumo, entre os pedestres e os carros impacientes com os sinais de trânsito. Você tem mesmo certeza de que quer ir aonde está indo, Urania? Agora sabe que vai, por mais que depois tenha que lamentar.

Dobra à esquerda na rua Cervantes e avança até a Bolívar, reconhecendo, como se estivesse em um sonho, as casas de um ou dois andares, com cercas e jardins, varandas abertas e garagens, que despertam nela um sentimento familiar, aquelas imagens preservadas, deterioradas, ligeiramente desbotadas, lascadas, enfeadas com acréscimos e colagens, quartinhos construídos nos terraços, agregados nas laterais, ou no meio dos jardins, para alojar os descendentes que se casam e não podem morar sozinhos e vêm se somar às famílias, exigindo mais espaço. Passa por lavanderias, farmácias, floriculturas, bares, placas de dentis-

tas, médicos, contadores e advogados. Na avenida Bolívar, anda como se quisesse alcançar alguém, como se fosse começar a correr. Seu coração quase salta pela boca. A qualquer momento você vai desabar no chão. Na altura da Rosa Duarte, vira à esquerda e corre. Mas o esforço é excessivo e volta a andar, agora mais devagar, bem perto do muro quase branco de uma casa, para o caso de que a vertigem se repita e você precise se apoiar nele para recuperar o fôlego. Tirando um ridículo prédio estreitíssimo de quatro andares, onde ficava a casinha cercada de arame farpado do doutor Estanislao, que a operou das amígdalas, nada tinha mudado; poderia jurar que aquelas empregadinhas que estão varrendo os jardins e as fachadas vêm cumprimentá-la: “Oi, Uranita. Tudo bem, garota. Como você cresceu, menina. Aonde vai tão apressada, minha mãe de Deus.”

A casa também não mudou muito, embora em sua memória o cinza das paredes fosse mais intenso e agora está desbotado, cheio de manchas, descascado. O jardim se transformou num matagal de capim, folhas mortas e grama seca. Ninguém devia regar nem podar há anos. Lá está a mangueira. O flamboaiá era este? Possivelmente, quando tinha folhas e flores; agora, é um tronco de braços cortados e raquíticos.

Urania se encosta na porta de ferro batido que dá para o jardim. O caminho de lajotas com grama nas juntas está bolorento e, na varanda, vê uma cadeira torta, com um pé quebrado. Os móveis de cretone amarelo sumiram. Também sumiu a luzinha do canto, com vidros esmerilhados, que iluminava a varanda, em volta da qual as borboletas se aglomeravam de dia e à noite zumbiam os insetos. A sacadinha do seu quarto não tem mais a buganvília malva que a cobria: agora é um alpendre de cimento, com manchas de ferrugem.

No fundo da varanda uma porta se abre com um longo gemido. Uma figura feminina, de uniforme branco, a encara com curiosidade:

— Está procurando alguém?

Urania não consegue responder; está muito agitada, emocionada, assustada. Fica muda, olhando para a desconhecida.

— O que deseja? — pergunta a mulher.

— Eu sou Urania — diz, afinal. — A filha de Agustín Cabral.